ANO 1.º LISBOA — QUINTA-FEIRA, 15 DE SETEMBRO DE 1921 N.º 139

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1.
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Dibea

REUNE na proxima terça-feira o Directorio do P. R. P. para se ocupar de assuntos que ontem, por falta de numero, não foram tratados pelo grupo parlamentar do partido.

Nessa reunião discutir-se-há se deve ser mantida a resolução tomada de partir o sr. Rodrigues Gaspar para Manteigas, a fim de conferenciar com o sr. dr. Afonso Costa ácêrca dos 50 milhões de «dolars».

Alguns membros daquele organismo politico entendem que essa diligencia perdeu toda a importancia depois da entrevista hoje publicada no «Diario de Noticias».

***

O DIARIO DO GOVERNO, em apendice, publica a relação dos portugueses que morreram, no Rio de Janeiro, durante o mês de abril, do ano corrente. São cento e cincoenta e três. Entre as enfermidades que os mataram, avulta a tuberculose pulmonar. Lá como cá. A nossa raça sofre as consequencias de ter sido... uma raça forte.

***

SEGUNDO o ultimo balancete do Banco de Portugal, as notas em circulação, ouro e prata, em 17 de agosto de 1921, montam a 649:101.601$00.

***

ONTEM, apenas se soube da condenação irrevogavel do sr. Liberato Pinto, houve alguem que, num grupo de amigos, disse:—«Se todos os politicos ou quase politicos fossem submetidos a um julgamento para apurar as condições morais em que enriqueceram ou fizeram enriquecer outros, ver-se-iam coisas edificantes.»—Talvez não fosse mau experimentar...

***

EM França e outros países as mulheres escritoras não se cançam de produzir. Publicam livros uns após outros.

Pormenor a apontar—muitos destes versam assuntos em que a decencia tapa os olhos para não ver. Parece que as mulheres desejam assim afirmar ao homem que não teem medo dele, qualquer que seja o campo. Tudo leva a crer que teem razão.

***

ESTEVE hoje no gabinete do sr. ministro das finanças o director da policia de segurança sr. dr. Reis Junior, pedindo para compulsar o processo do contrato dos cincoenta milhões.

O ministro estava ausente e como não havia copia da documentação do processo não lhe foram fornecidos quaisquer elementos.

A's 14 horas de hoje compareceu no governo civil a prestar declarações, o sr. Pedro de Araujo.

***

OS directores do «Credit Internacional» vão tornar publico, por intermedio da imprensa e do parlamento, a declaração de terem sempre estado prontos a cumprir o contrato, afirmando que ele não foi feito simplesmente porque o ministerio Barros Queiroz entendeu não o dever fazer.

A questão vai talvez tomar um novo aspecto.

UMA EXPLICAÇÃO NECESSARIA

O «Diario de Lisboa» já mais de uma vez declarou que, quando entrevista pessoas notaveis ou mesmo gente obscura cuja opinião merece ser conhecida, não o faz com qualquer intuito de propaganda, mas tão sómente para manter, nas suas páginas, um registo de actualidades.

Entendemos que, dado o periodo vario e incerto em que vivemos, as vozes são tantas, nos córos diferentes das nossas discordias, que é sempre interessante ouvir o maior numero delas, para ver se é possivel apurar-se uma idéa, uma aspiração, um sentimento fraternal, no meio de tais dissonancias.

O grande humorista Cherterton diz, num dos seus livros recentes, que o jornalismo é a história em movimento rasteiro, a fixação quasi fotográfica de tudo o que se destaca acima ou fóra da banalidade domestica e social, mas sem merecer as honras do bronze ou do marmore.

O «Diario de Lisboa» não quere ser outra coisa.

Numa terra em que todos se conhecem, em que se chega a saber de cór as peças do guarda-roupa das nossas celebridades, é natural que nós tenhamos uma forte inclinação para apreciarmos os homens mais pela paisagem das suas *toilettes* e manias que pelo mérito real das suas acções.

Graças ao poder de deformação e caricatura que anima as nossas antipatias e paixões, vê-se em Portugal uma falsificação geral de valores e caracteres — os patifes passam por pessoas de bem, os homens de talento por Calinos, os valentes por medrosos.

O esfôrço do «Diario de Lisboa» tem sido evitar tais deturpações, mantendo-se, para poder ser justo, alheio a pelejas e ambições.

Pretende não se afastar da realidade das coisas, cuidando, portanto, de colhêr informações frescas e verdadeiras, nas fontes originais. Para isso, dirige-se a quem sobre os assuntos ocorrentes, os problemas e questões em debate, os casos mais impressionantes possa de qualquer modo esclarecer o publico. Não tem outro fim em vista. Quando entende que há de tornar conhecidos os seus juizos ou opiniões, não procede com subtilezas ou rodeios, porque fala claro.

Frequentemente os nossos redactores abordam, para coligir notas que sirvam para dar a impressão do dia-a-dia nacional, pessoas que, dentro dos acontecimentos, são meros figurantes. Pois, contra o que muitos pensam, êstes depoimentos raramente deixam de ser curiosos. As bôcas humildes ou ignoradas possuem uma eloquencia convincente.

Como Lisboa tem hoje uma vida subterranea, onde se preparam motins e revoluções, o «Diario de Lisboa» não receia preguntar aos actores de tão obscuros dramas as razões da sua genese.

Que pretendemos nós? Unicamente alimentar os nossos leitores com o saboroso alimento que é a verdade, para que não sejam vitimas de boatos sem fundamento.

FILOSOFIA DE MILIONARIOS

Do «Byständer»

A caridade é um bom sentimento para os pobres, mas um mau negocio entre capitalistas.

UMA das agencias telegraficas que informam o «Diario de Lisboa» do que se passa no estrangeiro, enviou-nos hoje este curioso telegrama:

«ROMA, 15 — Um joven chamado Carmino Bison, natural de Piombino, ao ser examinado pela junta de inspecção de Padua, apresentou uma altura de sessenta centimetros. Julga-se que é o maior anão do mundo.»

Parece-nos que, «apresentando» o anão sessenta modestos centimetros de altura, de modo algum póde ser considerado o «maior» do mundo, apezar do globo terrestre estar infestado de gigantes pigmeus ...

***

RELATAM os jornais o triste caso duma numerosa familia que esteve ás portas da morte, por ter ingerido certo veneno moderno, que dá pelo nome de bacalhau.

Constata-se que o problema da saude publica continua a merecer os mais desvelados carinhos aos que vivem de explorar a miseria do proximo.

Porque não obrigar o tendeiro que forneceu a mercadoria avariada a almoçar, jantar e ceiar durante oito dias o seu esplendido bacalhau?

***

O EX-DEPUTADO sr. Manuel José da Silva conferenciou hoje com o chefe de contabilidade do ministerio da instrução ácerca do pagamento das folhas de vencimento dos professores da ilha das Flores, tendo-se tambem interessado pela regularisação do pagamento em atrazo das rendas das casas onde estão instaladas as escolas.

***

DE vez em quando, para alimentar o fogo sagrado, a policia simula preocupar-se com o excesso de lotação nos carros electricos e, durante dois ou três dias, a postura é rigorosamente cumprida.

Depois, numa transição brusca, que é apanagio da nossa indole, volta-se a perfilhar a te ria de que os carros são elasticos e que portanto, depois de ultra-repletos, têm sempre logar para mais um.

E' o que está sucedendo agora.

Quem se abalança a viajar nas plataformas da retaguarda é prensado sem cerimonia pelo proximo e, se reponta, o menos que lhe acontece é ser corrido depois de ouvir sem querer coloridas frases de português inusado entre pessoas correctas.

As senhoras mais animosas, que se afoitam a afrontar essas viagens de constante borrasca, não raro são afrontadas por sistemas presentemente em uso que estão a pedir intervenção pacificadora de marmeleiro.

Preguntamos: a lotação nos carros electricos está ou não determinada?

Não. Não preguntamos. E' ingenua a pregunta.

O «quantum» da lotação deve estar estabelecido por lei—pela visivel razão de que ninguem o cumpre...

***

Voltou a assumir as funções de chefe do estado maior da 1.ª divisão do exercito o major sr. Alvaro Teles Ferreira Passos.

OS TEATROS

A epoca de inverno no teatro Nacional

O «elenco» definitivo da companhia do teatro Nacional na proxima temporada é o seguinte:

Societarios: Lucinda do Carmo, Augusta Cordeiro, Maria Pia, Laura Cruz, Palmira Torres, Ilda Stichini, Jesuina Mottilli, Albertina de Oliveira, Helena de Castro, Eduardo Brazão, José Ricardo, Joaquim Costa, Augusto Melo, Luiz Pinto, Rafael Marques e Pato Moniz.
Contractados: Iréne Grave, Izilda de Vasconcelos, Maria Sampaio, Acacia Reis, Laura Hirsch, Ana de Oliveira, Maria Helena, Amelia Croner, Ferreira da Silva, Mario Santos, Eduardo Freitas, Jorge Grave, Antonio Melo, Antonio Nascimento, Francisco Sena e Teixeira Soares.
Pontos: Antonio Malheiro e Antonio Gonçalves.
Contra-regra: Costa e Silva.
Aderecista: Emauz Gonçalves.

Os originais já aceitos e aprovados pelo administrador são:

Os Tenorios, 3 actos, de Ramada Curto; *Frei Satanaz*, 3 actos, de Sousa Costa; *Lusitania*, 3 actos, de Humberto de Luna e Oliveira; *Corcundas e Malhados*, 4 actos, de Augusto Santa Rita; *O Auto dos Faroleiros*, 2 jornadas, de D. Branca de Gonta Colaço; *Cavalgada das Nuvens*, 1 acto, de Carlos Selvagem, e *Inconsciencia*, 1 acto, de Higino de Mendonça.

Peças estrangeiras que se vão representar pela primeira vez em Portugal: ;

La Maison Cernée, 4 actos, de Pierre Frondaie *La Fugitive*, 4 actos, de André Picard; *Le Reveil*, 5 actos, de Paul Hervieu; *O tufão*, 4 actos, adaptação do teatro hungaro, de M. Lengyel; *Le voile déchiré*, 2 actos, de Pierre Wolff; *O Centenario*, 3 actos, dos irmãos Quintero, e uma adaptação de Ernesto Rodrigues, João Bastos e Felix Bermudes.

O espectaculo classico será assim organizado:

1.ª Uma conferencia, por um dramaturgo de reputação, sobre o teatro português, acompanhada de leituras ou recitações justificaveis, pelos principais artistas do elenco. 2.ª Representações de 2 actos de Gil Vicente e Antonio Prétos, indicados pela Academia das Sciencias, e entre os quais já está proposto o *Auto do Velho da Horta*.

Serão remontadas, entre outras, as seguintes peças do velho repertorio:

O Alfageme de Santarem, 3 actos, de Almeida Garrett; *Duque de Vizeu*, 5 actos, de Henrique Lopes de Mendonça; *O Regente*, 5 actos, de Marcelino Mesquita; *Afonso VI*, 5 actos, de D. João da Camara, e *A triste viuvinha*, 5 actos, de D. João da Camara.

A administração pensa na organisação de «matinées» literaria-artisticas, precedidas de conferencias por homens de letras.

Todo o repertorio será cuidadosamente enscenado, observando-se com o maior rigor as respectivas exigencias de indumentaria.

A direcção artistica será entregue ao professor da Escola de Arte de Representar sr. Augusto Pina.

Consta tambem que se representará um original de Chagas Roquete, intitulado «D. Lucrecia Borges»

Entre nós

A companhia Rey Colaço-Robles Monteiro dá hoje o ultimo espectaculo da «tournée» em Ceia, no solar dos condes de Arnoso, depois de ter estado na cidade de Vizeu. A companhia regressa ámanhã a Lisboa, seguindo Amelia Rey Colaço e Robles Monteiro para S. Vicente da Beira.

—O actor Antonio Gomes, contratado para a epoca de inverno no Salão Foz, só ganhará dois contos mensais.

—A primeira recita de assinatura no Politeama será com a peça de Liñares Rivas intitulada «La Raza», tradução de Acacio Antunes. Os direitos de representação desta obra pertencem exclusivamente, segundo nos informam, á administração da companhia de Lucilia Simões.

A apresentação da companhia efectua-se ámanhã, pelas 13 horas.

—O actor-ensaiador Antonio Pinheiro encontra-se em Arouca trabalhando numa fita cinematografica.

—O actor Erico Braga á frente de um grupo de artistas do Nacional encontra-se nas Caldas da Rainha. Ante-ontem levou á scena naquela terma a «Simone», ontem o »Amor de perdição» e hoje deve representar a «Vida de um rapaz pobre».

—Só ante-ontem se desligou da empresa do teatro Apolo o escritor André Brun.

—O ultimo quadro da revista «Gato por lebre» passa-se na rua do Comercio, á porta do Banco Nacional Ultramarino.

Reclames

S. LUIZ—«De capote e lenço», a famosa revista, está em pleno exito, atraindo todas as noites ao elegante teatro uma enorme concorrencia.
POLITEAMA—Os ultimos espectaculos com a linda opereta «Mademoiselle E'cran», efectuam-se hoje e amanhã.
EDEN—Realiza-se hoje a recita dedicada aos autores da musica da revista «Tic-Tac», maestros Alves Coelho, Antonio Lopes e Raul Portela.
AVENIDA—Sempre triunfante, continua hoje na sua marcha a companhia infantil do Avenida, que está atraindo a atenção geral.

Espectaculos

S. CARLOS—Fechado.
NACIONAL—Fechado.
S. LUIZ—A's 21,30—«De capote e lenço».
GIMNASIO—A's 21,30—«O celebre Pina».
APOLO—A's 21,30—«O burro em pé».
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—Companhia infantil — «O sonho do Manecas».
POLITEAMA—A's 21,30—«Mademoiselle Ecrain».
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».
SALÃO FOZ—Animatografo
COLISEU DOS RECREIOS—Fechado.

OLIMPIA—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALÃO IDEAL—Animatografo.
CHIADO TERRASSE—Fechado.

O INFERNO BOLCHEVISTA

A RUSSIA, PAÍS DA FOME!

Mais de sete milhões de crianças esfomeadas

As constatações de Lunatchavsky e de Kalinine — Os paes matam ou vendem os proprios filhos, a fim de lhes abreviar ou atenuar os sofrimentos

O jornal de Bruxelas «Le Soir» recebeu do sr. G. Alexinsky, deputado á segunda Duma, a seguinte carta, que é datada de Wilborg, 28 de agosto de 1921:

«Há apenas alguns dias, de passagem por Bruxelas, tive na redacção do «Soir», com o seu amavel redactor em chefe, uma curta entrevista sobre as coisas russas.

Ao mostrar-me um telegrama que ele acabava de receber e no qual se lia a estupenda noticia de que os pais aldeãos russos afogavam os proprios filhos para os subtrair aos sofrimentos terriveis da fome, Mr. d'Arsac pareceu-me não ter grande confiança na noticia telegrafica, ou, pelo menos, a achar demasiado exagerada.

Há pouco chegado á Finlandia, onde se está muito melhor informado sobre a situação na Russia do que o está na Europa Ocidental, comecei imediatamente as minhas investigações e, folheando as páginas dos proprios jornais russos, jornais bolchevistas, ahi mesmo encontrei as provas incontestaveis, pois são oficiais que os factos relatados no dito telegrama não eram infelizmente... mais que uma realidade.

A notar em principio, e que eu proprio li, no «Petrogradskaia Pravda» (orgão oficial do «comité» petrogradense do partido comunista-bolchevista), um artigo de Mr. Anatole Lunatcharsky, membro do governo dos «Soviets» e comissario popular da Instrução Publica, que faz duvidar quasi da nossa propria razão humana.

Eis o que Mr. Lunatscharsky escreve no seu artigo da «Pravda» (numero de 2 de agosto):

«Em Saratov, ao longo dos cáis e sobre as margens do Volga, debaixo de barcos voltados e, em geral, por todas as maneiras possiveis, um campo se formou, habitado por milhares de crianças absolutamente sem abrigo algum e sem um tecto onde pudessem viver. Ninguem os alimenta! Ninguem se ocupa dêles! Este campo aumenta diariamente; vivem da mendicidade e da prostituição e do roubo! Não há possibilidade de olhar doutra forma que não seja aquela em que os vemos, pois não há maneira alguma de lhes encontrar um abrigo qualquer.»

Todos os locais da cidade, onde haveria possibilidade de alojar esses miseros abandonados pelos habitantes esfomeados estão já cheios de outras crianças e «comtudo outras chegam sempre», dis no seu relatorio o director do Instituto de Instrução Publica de Saratov, o qual diz ainda:

«Se tal é a situação na cidade, adivinha-se bem o que poderá ser a dos campos.»

O director da Instrução Publica em Samara diz, num outro relatorio:

«Levo ao conhecimento dos meus chefes que se abandonam as crianças diante das portas das casas e diante das portas das instituições escolares. A milicia traz constantemente crianças de todos os lados. Essas crianças fingem não compreender o russo ou se obstinam em não revelar o endereço dos pais, a fim de que os não reenviem para os proprios lares, segundo os proprios pais lhes disseram... (calculem o que estes não poderão ser, para os proprios pais conseguirem fazer crer ás crianças que tudo será melhor que a casa paterna...). Admitimos algumas dessas desgraçadas crianças na nossa instituição, mas neste estabelecimento nunca se alimentaram suficientemente as crianças e hoje ainda nos vemos forçados a diminuir-lhes a ração diaria, reduzindo-a a uma porção de farinha, com a qual uma criança não pode viver senão por um milagre; enviam-se comtudo essas crianças para aqui, assim mesmo, pois não podemos deixá-las morrer assim de fome no meio da rua. E isto não é mais do que a verdade, pois, se as trazemos da rua, é para que ao menos elas não morram assim, ali na rua, diante de toda a gente. A mortalidade na cidade de Samara é horrivelmente grande. E é o mesmo por toda a parte. Diz-se aqui que a população Mordoviena (Mordva é uma aglomeração de terreolas, de habitantes de raça finlandesa, habitando as margens do Volga) afoga, sem mais, os proprios filhos no Volga e isto não é por crueldade, ou para diminuir o numero de bôcas e economizar um bocado de pão, mas, pelo contrário, porque os corações dos proprios parentes não podem suportar os gritos e gemidos das crianças esfomeadas e o espectaculo da longa e horrivel agonia dos pequeninos seres morrendo de fome.»

Mr. Lunatscharsky avalia o numero de crianças, nas regiões devastadas pela fome, a seis milhões e meio. E o comunista vermelho reconhece facilmente e francamente que «as instituições do Comissariado da Instrução Publica não têm fôrça para combater o terrivel flagelo».

Não há, portanto, nada de estranho a que diante desta horrivel impotencia governamental, os aldeãos matem, êles proprios, os filhos, a fim de abreviar os seus sofrimentos.

Outros tipos de pais vão até ao ponto de vender as suas progenitudes aos fornecedores dos lupanares do Oriente. O «Lodzer Freie Presse», jornal de lingua alemã publicado em Lodz, inseriu num dos seus ultimos numeros, uma carta de Urpach, colonia alemã do governo da provincia de Saratov:

«O espectaculo mais terrivel, diz o autor da dita carta, é aquele que apresentam dezenas de milhar de aldeãos que diariamente atravessam Urpach, Pokrovskaya, Ekaterinenstadt, dirigindo-se para o Este, deixam atraz de si um tão grande numero de mortos, que ninguem já, salvo os corvos, se preocupa com a retirada e enterramento dos cadaveres, os quais empestam os ares. Porquanto nós já comemos, há muito tempo, todos os cães e os gatos... A rica familia Grussmer partiu. Diz-se que eles tiveram a sorte de vender em Saratov os seus dois filhos, Keth e Ida, aos persas. Mas se desta forma a vida das duas crianças está salva, não creio que os dois velhotes possam resistir durante muito tempo com o dinheiro que eles puderam obter vendendo assim o seu proprio sangue.

Deus meu! Uma libra de farinha custa já aqui 45.000 rublos (um rublo ao par são aproximadamente $54); em Saratov é ainda mais caro. Os persas pagam agora os rapazes mais caros do que as raparigas, mesmo se estas são muito loiras... Deus meu! Que será de nós? Mais de metade de Urpach alemão está devastada; uns fugiram, outros foram mortos pelos bandos esfomeados; outros ainda morreram do cólera. Os que ainda restam não pensam senão em si proprios; os que tinham conseguido esconder alguns alimentos ainda vivem; aqueles que nada têm que comer morrem diante da igreja.»

Tenho no meu «dossier» alguns extratos de um relatorio oficial sobre a viagem de M. Kalinine, presidente da Republica dos «soviets», que se dirigiu ultimamente ás regiões assoladas pela fome.

Os olhos de Mr. Kalinine, que comtudo devem estar bem habituados aos mais horriveis espectaculos, ficaram profundamente impressionados pelo mais que horrivel: as crianças alimentando-se de hervas, de cascas de arvores e de outras coisas sem nome, substituindo o pão ausente. «Ventres inchados, como tambores, em cima de ossos de esqueletos», tal foi o quadro que por toda a parte viu Mr. Kalinine, através as aldeias que ele atravessou com a sua escolta.

Durante quatro anos o governo comunista do Krinlim embalou os trabalhadores do mundo inteiro com pomposas descrições da felicidade e da liberdade que ele tinha dado aos seus subditos. A triste realidade alonga-se hoje aos olhos dos estranhos. Uma imensa montanha de cadaveres ergue-se no Eden imaginario dos inventores da ditadura do proletariado. Pobre povo russo! Como poderemos ir ao teu socorro! Quem virá em teu socorro! Que horror! Que piedade!»

a) **Gregoire Alexinsky**

Notas Mundanas

Diplomatas

Regressou do Monte Estoril a Lisboa, com sua esposa, o sr. dr. Eduardo Herrera, representante do Peru entre nós.

Festas elegantes

E' definitivamente ámanhã que no Casino da Praia, em Cascais, se realiza a sessão dedicada aos socios do Sporting Club de Cascais.

Os bilhetes que restam podem ser requisitados esta noite no porteiro da «Parada», e ámanhã, até á hora do espectaculo, na alfaiataria Claudio Campos, e depois na bilheteira do salão.

Este «rendez-vous» promete ser muito elegante e concorrido.

Veraneios elegantes

Figueira da Foz, 12.

Ontem tivemos o terceiro dia do concurso hipico, que exceden toda a nossa espectativa. O vasto recinto do campo de obstaculos do Pinhal estava completamente cheio de pessoas da sociedade. Realizavam-se as provas «Grande premio da Figueira da Foz» e «Discipulos», que despertaram na assistencia o mais vivo interesse. Na primeira estavam inscritos 22 cavalos e houve o seguinte resultado:

1.°, Antonio Eça de Queiroz, no «Profond»; 2.°, Filipe de Melo e Castro de Vilhena, no «Scott»; 3.°, Afonso Botelho, no «Gafanhoto»; 4.°, Filipe de Melo e Castro de Vilhena, na «Margot»; 5.°, Mario Cunha, no «Klonga»; 6.°, Castro Cabrita, no «Spad»; 7.°, Ivens Ferraz, no «Armamar» e 8.°, Afonso Botelho, no «Almorol II». Nesta prova não houve nenhum percurso limpo, havendo, comtudo, belos saltos, que a assistencia aplaudiu com verdadeiro entusiasmo. Seguiu-se a prova dos «Discipulos», em que estavam inscritos 5 cavalos, mas que devido a ter o menino Eurico de Morais caído num salto, felizmente, sem consequencias, apenas correram quatro, dando o seguinte resultado:

1.°, Eurico de Morais, no «Select»; 2.°, Francisco de Borja Trindade de Serra e Moura, no «Spahi». Os dois discipulos mostram ter grande vocação para este genero de «sport».

O aspecto mundano do elegante recinto era verdadeiramente encantador, recordando-nos ter visto, entre outras, as sr.as:

Condessas de Pinhel e filha D. Sofia; de Felgueiras e de Pinhel (D. Dolores), viscondessas de Tramagal, de Maiorca, de Alvelos e de Montargil, D. Jesuina Pereira dos Santos e filha D. Maria Luisa; D. Maria do Loreto de Borja Trindade e filhas D. Maria do Loreto Manuel e D. Maria do Carmo; D. Emilia Caldeira Bourbon Ferreira Pinto Basto, D. Maria Madalena de Trigueiros Martel Patricio, D. Elisa de Melo Mendes, D. Amalia Rincon de Vasconcelos e filha D. Maria Amalia; D. Ana de Sousa Carrisco, D. Maria Cristina Rino Eça de Queiroz, D. Celeste de Melo Mendes, D. Maria José de Barros Belmarço, D. Matilde Pereira Caldas de Vasconcelos e filhas D. Teresa, D. Paulina e D. Clotilde; D. Maria de Mascarenhas Calheiros de Noronha Azevedo, D. Maria José Tinoco Madeira, D. Maria Candida de Campos Henriques de Almeida de Eça, D. Maria Augusta de Carvalho Morais, D. Maria Natalia Conceiro Martins de Magalhães e Meneses (Felgueiras), D. Maria de Lourdes da Costa de Sousa de Macedo Sassetti, D. Judite Pereira Caldas Correia de Lacerda, D. Hercilia dos Santos e filha C. Branca; D. Elisa de Campos Henriques de Almeida Braga, D. Ilda dos Santos David, D. Maria Rachel de Queiroz Medeiros, D. Maria Antonio de Lencastre Vasques da Cunha de Cabedo Eça de Almeida, D. Maria Luisa de Lencastre Cabral, D. Estrela Ternas Latino, madame Belard da Fonseca e filha, D. Maria da Conceição de Borja Trindade de Serra e Moura, D. Maria Amelia Correia Mendes Ramos, D. Sara de Sousa Coutinho de Abreu Ricardo, D. Carolina Choque, D. Madalena Chianca Alves, D. Maria Luisa Salasar de Eça Brandão de Melo, madame Alves de Rio, D. Berta da Cunha Meneses, D. Maria do Rosario da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitela), D. Julieta Maury da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitela), D. Octavia de Freitas Branco Sassetti, D. Carolina Serzedelos, D. Helena Farinha Serzedello, D. Barbara Ferreira Pinto Basto, D. Maria da Piedade e D. Maria Casimira de Mascarenhas Calheiros Madeira, D. Tomasia Ereira, D. Maria Leonor Cabral, D. Maria da Conceição Toscano, D. Albertina Pereira Caldas Vilharinho, D. Conceição Freitas, D. Maxima Arriaga Tavares e irmã, D. Maria, D. Isabel e D. Natividade Novais, D. Ambrusina Pombo, etc. etc. etc.

Já começaram, no «Tennis Club», os preparativos para o grande campeonato internacional de «tennis», que se realiza entre 26 e 30 do corrente, no qual estão inscritos, além dos nossos melhores jogadores, os dois brilhantes «tennistas» do vizinho reino srs. conde de Gomar e D. Manuel Alonso.

Na terça feira realiza-se o primeiro chá americano no salão particular da Grande Casino Peninsular, amavelmente cedido pelos seus directores.

D. Nuno

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

D. Maria Candida Cardoso de Meneses Taveira, D. Maria de Avelar de Leite Perry, D. Eugenia Teles da Silva (Tarouca), D. Isabel Henriques de Lencastre (Alcaçovas) e D. Helena Rebelo Vatente.

E os srs.:

Conselheiro José de Oliveira de Sá Camelo Lampreia, D. João de Castro (conde de Rezende), D. Luís de Lencastre (conde da Louzã), Antonio Velez Caldeira, Luís Gonzaga Van-Zeler Cabral e Frederico Alcoforado.

Casamentos

Foi pedida em casamento a sr.ª D. Ana de Lima Mayer, gentil filha da sr.ª D. Octavia Fuschini Mayer e do sr. Frederico de Lima Mayer, para o sr. Frederico de Carvalho.

A cerimonia realiza-se no fim do corrente mês, na capela dos srs. duques do Cadaval, em Sintra.

Em viagem

São esperados brevemente no Monte Estoril o sr. Alvaro de Paiva e sua esposa.

—Partiu ontem para Coimbra o sr. D. Pedro de Melo de Assis Mascarenhas (Sabugal e Murça).

—Com sua esposa, encontra-se em Spa o sr. João Perfeito de Magalhães Vilas Boas.

—Partiu para o norte a sr.ª condessa de Mendia.

—Regressou a Lisboa o sr. conde da Ribeira Grande.

"Diario de Lisboa"

Vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

UMA CONFERENCIA

OS TRÊS BORDALOS

POR

MANOEL DE SOUSA PINTO

Publicamos hoje um trecho da bela conferencia que Manoel de Sousa Pinto, nosso ilustre colaborador, consagrou a Rafael Bordalo Pinheiro, lida em Lisboa e no Porto, e agora publicada numa rica brochura, ilustrada de desenhos e reproduções felicissimas, com o titulo de—Os três Bordalos.

A obra do primeiro Bordalo, o caricaturista!

Verdadeiro Carnaval do lapis, sã na sua alegria galhofeira, sem peçonha e sem amargura, elegante, por vezes frivola, reflete como um espelho a sua epoca, cuja doce paz, talvez excessiva, o grito da rebeldia ou o clamor da desordem só de longe a longe perturbam.

E' uma obra bem humorada, numa epoca cheia de tolerancia.

O que domina nos desenhos de Bordalo é a sua jovialidade. Em vão se buscaria nele a nota tragica de certos humoristas. Quando se revolta, protesta ou ameaça, a sua indignação é passageira, retórica, acidental.

A caricatura de Bordalo é o bom humor, o pitoresco, que ele não deixa de buscar, e em geral de conseguir, nos momentos mais graves e solenes.

Se, talvez com excepção da fase brasileira, a silhueta feminina não fosse na sua obra mero incidente, seria licito colocá-lo mais perto de Gavarni do que de Daumier.

Vendo-se, «picado de genio e das bexigas», no *Album das Glorias*, Camillo não ficou lá muito contente. «Deus ainda me concedeu vista para ver a minha cara no *Album das Glorias*. Já é preciso talento criador para me fazer mais feio do que sou. O Bordalo quiz assim vingar os seus amigos, remetendo-me hediondo á posteridade. De resto, bom homem».

O «bom homem» de Camilo levava agua no bico. Era mais um sarcasmo do grande amargurado de Seide. Mas não há duvida que Bordalo foi, não um bom homem como qualquer pobre diabo, mas um bom.

A bondade era uma das suas caracteristicas, pronta a manifestar-se na primeira ocasião.

A morte de algum dos seus alvejados predilectos impunha-lhe, não só o silencio devido aos que desaparecem, mas uma imediata simpatia comovida. Não se limita a descobrir-se, a curvar-se, perante os cadaveres de Fontes ou D. Luiz. Homenageia-os, celebra-os, demonstrando como o seu coração ignorava o rancor.

Era um grande supersticioso Bordalo. A morte amedrontava-o. Temia a escuridão. Tinha a fobia do crepusculo. Ao lusco-fusco entristecia, não se sentia bem. Acendia a luz muito cedo, e preguntava ás vezes, receoso, quando o sol se escondia: Se não tornasse?

No fundo do seu fundo, talvez um melancolico, como a maioria dos humoristas. A superficie, porém, no convivio e na vida, um exuberante, um atraente, conversador admiravel, e bem o artista da sua obra risonha, desanuviada, chistosa, como então se dizia.

São raras as paginas tristes de Bordalo. As primeiras ditou-lhas, no Brasil, a saudade da patria. As outras pertencem ao derradeiro periodo da sua existencia.

Já adoentado, enxundioso, respirando mal, fatigando-se ao minimo esforço, Bordalo ia tendendo vagamente para o pessimismo. Continuava a gostar de rir e fazer rir, mas já não era o formoso homem cheio de alegria, que os amigos invejavam pela despreocupação.

João Chagas, seu colaborador, explicou algures essa tristeza intima pelo facto de Bordalo, que adorava a mocidade, se não resignar a envelhecer. E' verosimil a atribuição. Nunca lhe tendo permitido o seu feitio boemio e impulsivo impor á sua arte uma disciplina de trabalho regular

Rafael Bordalo Pinheiro
Desenho de J. Sargent

compreende-se a dor do artista que via, com o avançar dos anos, minguarem as faculdades de exaltação e improviso de que o seu talento não prescindiria.

Até ao ultimo dia, não lhe faltou, por fortuna, uma certa frescura de inspiração, que a ruina fisica nunca logrou empanar de todo; mas na *Parodia*, seu testamento, há paginas tocadas de melancolia e apreensão.

Aquela, por exemplo, muito conhecida e admiravel, *Vinte anos depois*, em que o Bordalo desempenado dos trinta anos, com o *Antonio Maria*, o seu mimalho, a sair-lhe da algibeira do casaco claro, pede lume, por favor, ao Bordalo ensobrecasacado e cincoentão do jubileu.

Nuvens que se lhe formavam no espirito, mas que a sua veia comica transformava em aguaceiros alegres!

Bronquitico, dispneico, zombava do seu mal. Gabava-se de ter tido, na Exposição de Paris de 1900, o *grand-prix* da tosse nacional». Ao medico de Entre-os-Rios, que lhe proibia o tabaco, o café e o alcool, respondia: —Muito bem, Doutor. Só me dá licença de tossir!

Como caricaturista, Bordalo é um espontaneo. Começou fazendo caricaturas por brincadeira, com desgosto do pai, que dedenhava do genero e o queria dirigir para outra carreira, chegando a arranjar-lhe um logar de amanuense na Camara dos Pares, onde era primeiro oficial de secretaria.

Não se concebe Rafael Bordalo empregado publico. Não fez caso do emprego. Repontou. Continuou na esturdia.

Para dar uma satisfação ao pai, seu primeiro e unico mestre, matricula-se na Academia de Belas Artes, como se matricula, por desfatio, no Curso Superior de Letras e na Escola de Arte Dramatica. Para passar o tempo.

Nas exposições de 1868 a 1874, aparecem trabalhos seus, na maioria aguarelas de costumes populares, e o grande desenho *Bodas de Aldeia*.

E' pobre a sua obra de pintor. Nascera caricaturista. A caricatura estava-lhe no sangue. A arte séria não se coadunava com o seu temperamento buliçoso. E foi caricaturista, um caricaturista de raça, sem escola e sem estudos.

—«Sabe porque comecei a fazer caricaturas?»—Dizia ele a um jornalista em 1903.—«A razão é semelhante á que levou o Justino Soares a professor de dança. O Justino, a quem lhe preguntava porque tinha deixado o oficio e se tinha metido a dançarino, respondia: —«O' menino, comecei a sentir um formigueiro nas pernas, e vai puz-me a dançar». Ora comigo dá-se um caso identico: comecei a sentir um formigueiro nas mãos, e vai puz-me a fazer caricaturas...»

O caminhar acelerado do mundo nos ultimos anos faz com que a obra de Bordalo tenha assumido, mais rapidamente do que em circunstancias menos vertiginosas aconteceria, um caracter de recuo, de antiguidade, que, tornando-a em parte estranha aos novos, pelo desconhecimento de certas individualidades, empresta aos seus jornais o aspecto duma epoca que distasse mais de nós.

A sociedade estremeceu da cupula aos alicerces. A caricatura, que foi durante a guerra uma das armas mais vitoriosas, mudou de rumo. Todos, ou quasi todos, os titeres do teatrinho de Bordalo caducaram. O proprio *Zé Povinho* é outro homem, desde que atirou com a albarda ao ar, na Rotunda.

Felizmente, nos desenhos de Bordalo não há que buscar só o interesse documental, notabilissimo. Agradam pelo valor artistico, pelo cunho decorativo, pelo achado de certas combinações, que não são de ontem, nem de ante-ontem, porque são de hoje, de amanhã, de sempre.

Como caricaturista, Bordalo foi um grande, um extraordinario jornalista. Poucos, em qualquer parte, o igualam na fertilidade, na retentiva, na imaginação, no bom gosto e na flagrancia. Instrumentador prodigioso de fisionomias e atitudes, não desmerece ao lado dos maiores.

Jornalista de pulso, cortejou e serviu maravilhosamente a propria essencia do jornalismo grafico ou escrito: a actualidade.

Feitos, de frequente, á ultima hora, ao sabor do instante, ao acaso da noticia recente, á tona do momento politico, os seus desenhos acreditam singulares dotes de repentista.

Pecam alguns desses desenhos pela repetição dos motivos, pela insignificancia das personagens, pela transitoriedade da scena? Talvez.

Ressentem-se outros da precipitação, da formula, da falta de disposição? E' possivel.

Não porque no seu autor não houvesse, inquestionavelmente, um excelso poder de visão e expressão; mas porque, reduzido quasi sempre aos mesquinhos acontecimentos dum pequeno paiz em calmaria, só de raro em raro teve ensejo de marcar, na hora que passa, a idéa que fica, o gesto que prevalece.

Seria exigir demais querer que a perfeição assiduamente acompanhasse quem se prodigalizou sem reservas.

Lisboa, de que ele foi o cronista incomparavel, era uma cidade demasiado modesta e pacata, para fornecer pontualmente a Bordalo assuntos dignos de Bordalo.

Há uma página carnavalesca do *António Maria* que dá bem a nota da falta de assuntos com que Bordalo por vezes lutava. Representa um burro em pêlo, e intitula-se *O Assunto da Semana*.

Manoel de Sousa Pinto

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Artes de S. Cipriano

Uma historia de amor—uma nova sempre velha historia de amor! A loira *mademoiselle* X., uma boneca toda loira, toda romantica e toda supersticiosa — dezanove anos talhados para um perfeito *anjo do lar*, segundo a mamã se orgulha de dizer —a loira *mademoiselle* X. tinha um noivo, como toda a gente que não pode ter uma noiva. Suponham que o noivo era o Fernando, um rapaz alto, magro, com o primeiro ano de filosofia, mas que tem para si um sentido filosófico da vida muito diferente daquele que aprendeu aos dezoito anos nos compendios da Universidade—um Fernando do seculo, um Fernando do seu tempo, um Fernando que veste em Paris e calça em Lisboa, como qualquer de nós. Não podem imaginar como aquilo começou. O dr. Assis diria que começou por não se conhecerem, mas enganava-se, acreditem, o douto professor de finanças. O encanto daquele noivado, que era o enlevo da familia, a ultima esperança de regeneração para o bom Fernando,—um excelente rapaz que tinha da vida a noção de um charuto que se vai queimando em espirais azuis—o encanto daquele noivado residia precisamente nesta particularidade banal, de todos os dias, que traz duas pessoas ligádas desde o leite da ama—uma ama de primeiro leite. Eram irmãos colaços—o mais colaços que se pode ser. Quando brincavam no jardim, aos noivos, ficavam-se enlevadas e encantados daquela candura infantil os velhos que já tinham cabelos brancos na alma.

Mademoiselle X. cresceu—como quasi toda a gente. O loiro do seu cabelo tornou-so ainda mais loiro e o suave perfil de menina, que lhe dava um ar triste de santa de relicario, dir-se-hia esculpido em marmore—em marmore branco de Carrara—por um artista genial. O Fernando, o pequeno Fernando, aprendeu a lidar com senhoras, pelo que lhe ensinavam os homens. E breve nasceu entre os dois uma pontinha daquela boa amizade que vem desde as ruas do jardim onde ambos brincavam aos noivos. No fundo, é sempre a velha historia—aquilo a que o mundo chama uma historia de amor.

Entre os dois, porém,—oh, coisa dificil de contar!—surgiu uuma qualquer *Hung-Li*, uma *Hung-Li* de consultas a dois mil e quinhentos, que deita cartas e prediz o futuro, nem sempre côr de rosa—porque se entende á maravilha com as malas-artes de S. Cipriano. E *mademoiselle* X. entrou a definhar, a não comer e a não beber, a sofrer e a viver só para o seu segredo. Ontem deu entrada num recolhimento de meninas da sua estirpe—uma estirpe que já vem de Afonso Henriques—e o Fernando, coitado antes de coitado ser! meteu singelamente uma bala no coração.

Acabou aqui a historia...

Norberto Lopes

Antonio Ferro

Tomou ontem posse do logar de director da «Ilustração Portuguesa» o talentoso literato e nosso distinto colaborador sr. Antonio Ferro, um novo que já conseguiu nome nas letras, mercê duma obra cheia de vivacidade e de brilho.

Antonio Ferro orientará a «Ilustração Portuguesa» no sentido de transformá-la num «magazine» que se imponha ao publico. Dizem-nos que essa remodelação principiará a ser efectuada no principio de outubro.

Exportação de cortiça

Uma conferencia adiada por falta de pontualidade

Em consequencia da não comparencia á hora aprasada, não se realizou hoje a conferencia entre a comissão delegada da Federação Nacional Corticeira e o sr. ministro do comercio, em que se trataria da questão da exportação da cortiça em bruto. Pelo mesmo motivo, o sr. dr. Fernandes Costa deixou de receber uma comissão de fogueiros.

UM DISCURSO SENSACIONAL

O SR. CUNHA LEAL FAZ REVIVER NO PARLAMENTO O CASO DOS 50 MILHÕES DE "DOLLARS"

"INTIMAMOS O SR. DR. AFONSO COSTA A VIR Á CAMARA PARA SALVAR O SEU PRESTIGIO, QUE É TAMBEM O PRESTIGIO DA REPUBLICA!"

A acção passa-se na Camara dos Deputados. Assistem á sessão pouco mais de duas duzias de parlamentares. A's 13 e 55, em ponto, o sr. Cunha Leal pede a palavra para interrogar a mesa.

—Tem a palavra o deputado sr. Cunha Leal.

—Desejo saber, sr. presidente, em que situação está o sr. dr. Afonso Costa, como membro deste Parlamento. Se está de licença ou se não está.

O sr. Alves dos Santos, que ocupa a presidencia, demora dois minutos em dar a resposta. Dois minutos depois:

—O sr. dr. Afonso Costa está impedido pelo facto de ser presidente da delegação portuguesa á Conferencia da Paz.

O sr. Cunha Leal:—Não está, portanto, impossibilitado de vir ao Parlamento. E é de estranhar que a comissão de infracções da Camara, não se tenha pronunciado ainda sobre este assunto. Sr. presidente: peço a palavra para em negocio urgente, apreciar uma entrevista publicada no *Diario de Noticias* de hoje, que um dos redactores daquele jornal realisou com o ilustre homem publico.

Responde o sr. Alves dos Santos que, em face do regimento, não pode conceder a palavra ao sr. Cunha Leal para tratar qualquer negocio urgente antes da ordem do dia. De resto, tem conhecimento de que o sr. Carvalho da Silva deseja mandar para a mesa uma proposta de convite para o sr. dr. Afonso Costa vir ao Parlamento, a fim de explicar as negociações do contracto dos 50 milhões de «dollars».

—Não lhe posso conceder a palavra sem primeiro consultar a Camara.

O sr. Afonso de Melo:—Fale! Fale!

Outros deputados:—Fale! Fale!

O sr. Alves dos Santos:—Tem a palavra o deputado sr. Cunha Leal.

O sr. Cunha Leal começa a falar no meio do silencio da Camara

A Camara guarda o silencio dos momentos solenes. O sr. Cunha Leal começa a falar assim:

—Quando me referi nesta Camara ao contracto dos 50 milhões de «dollars», fizeram-se de varios lados as oposições mais fantasticas. Afirmou-se que eu estava disposto a tentar a liquidação de homens com prestigio na Republica; afirmou-se que á ultima hora, eu tinha mudado de atitude e tinha feito, com varios amigos da Camara, uma especie de combinação, para poupar a figura prestigiosa do sr. dr. Afonso Costa. Declaro bem alto, para que todos me ouçam: pressões nunca ninguem as exerceu sobre mim. Ouço apenas e sempre a voz da minha consciencia. O debate apaixonou a opinião publica. Dos meus labios não saiu uma palavra de ataque ao sr. dr. Afonso Costa. O ilustre estadista é uma das grandes figuras da Republica. E é bom dizer que temos passado o nosso tempo a atirar pedradas a homens que são grandes. Há uma coisa mais sagrada que o prestigio dos homens da Republica: é o prestigio das instituições republicanas.

Um parentesis: vão chegando mais alguns parlamentares. A Camara continua guardando absoluto silencio, que só é interrompido por um ou outro apoiado do centro e da direita.

O sr. Cunha Leal prossegue:

—Perante os acontecimentos, da parte do sr. dr. Afonso Costa só se compreendia uma de duas atitudes: o sr. dr. Afonso Costa vinha ao Parlamento e discutia o caso, aclarando os pontos obscuros, porque ninguem avalia da habilidade de um negociador pelas suas intenções. De boas intenções estamos nós fartos. A Republica, para se prestigiar neste caso de *chantage*, deve fazer toda a luz sobre a questão. O sr. dr. Afonso Costa, vindo ao Parlamento, diria: «Julguem-me como quizerem, em plena liberdade. Vejam o meu passado de republicano, o meu passado de homem honesto e liguem-no com o meu presente».

"— Acima do Parlamento não há ninguem — " diz o sr. Cunha Leal

Havia ainda outra atitude—continua o sr. Cunha Leal—que ele nunca devia tomar, porque se não queria discutir o caso aqui, nunca o deveria discutir nos jornais. Tenho pelo *Diario de Noticias* a consideração que os grandes jornais me merecem. (O sr. Cunha Leal não tem consideração pelos pequenos jornais...). O sr. dr. Afonso Costa podia fazer o que quizesse, estava no seu direito, mas não vir ao Parlamenta a explicar tudo e conceder uma entrevista a um jornal, isso não! Acima do Parlamento não há ninguem! E S. Ex.ª não se pode colocar fóra e acima do Parlamento. Não está em serviço do paiz, que neste momento o impeça de comparecer aqui, S. Ex.ª devia vir ao Parlamento. Lavro contra o facto o meu protesto.

O ilustre deputado folheia agora o Codigo Penal, para provar que—«dentro da lei há todas as maneiras de punir os criminosos do *Credit International de Anvers*». Lê o artigo 276.º e continua o seu discurso, depois de ter apontado outras disposições do Codigo:

—Mas procura-se fazer uma atmosfera que impeça os funcionarios de averiguar a verdade. Não é o juiz de investigação criminal auxiliado por um chefe de policia a pessoa mais habil para examinar a escrita duma casa bancaria. Eu não quero que os inculpados surjam amanhã de gládio na mão a inculpar o Parlamento, porque os taxou de criminosos. As duvidas apontadas nesta entrevista, pelo sr. dr. Afonso Costa não têm razão absolutamente nenhuma de ser. Eu podia travar uma polemica com o sr. dr. Afonso Costa, não atravez o *Diario de Noticias*, mas atravez o Parlamento, porque estou em discordancia com esta entrevista, da primeira á ultima linha. Diz o sr. dr. Afonso Costa:

—Mas eu não tenho nada que dizer. Os documentos já lidos na Camara, e que me consta que vão ser tornados publicos, dizem tudo. Que é preciso que eu diga agora?

"O sr. dr. Afonso Costa não queria dizer nada. E por que disse tanto?"

Continua o sr. Cunha Leal:

—E porque é que S. Ex.ª disse tanto? Investiga-se muito qual foi a origem das negociações. Pois se nós reconhecemos a perfeita honorabilidade do sr. dr. Afonso Costa, o facto de as negociações serem iniciadas em Lisboa ou em Paris que importancia tem? Não deshonra a ninguem que as negociações tenham começado em Lisboa ou em Paris. O sr. dr. Afonso Coste parece que liga qualquer importancia a este facto. Afirma o ilustre homem publico:—«As negociações começaram em Paris».

—Pois bem!—continua o sr. Cunha Leal—o sr. dr. Afonso Costa, atravez essa entrevista afirma sempre a honorabilidade dos membros do *Credit*. Mas põe algumas restrições. O jornalista dá a impressão nitida nas suas reticencias de que sobre o

(*Ver a continuação na 8.ª página*)

Pela Enseada Azul

CASCAIS-LISBOA

Não lhes dou novidade, fala do-lhes do snobismo das praias. Nem todos quantos se afanam em demanda das areias refrigerantes do mar morrem de amores pelo salso elemento ou apreciam as suas brisas vespertinas. Ha muito de convenção, de bom-tom, de *parade*, nesta lufa-lufa de ir fazer veraneio em qualque estancia chique.

Cascais exemplifica optimamente a tendencia snobisadora de mui respeitaveis familias. Da imensa colonia banhista que por ali remanseia, nem um terço exercita o que se chama «vida de praia», sendo certo que a mór parte entretem seus ocios da tarde e da noite em jogos da moda e *soirées* dansantes, dormindo o remanescente das vinte e quatro horas da rosa do dia.

Se lhes digo que ha ahi pessoas que nunca puseram pés na areia e quiçá talvez nunca levantassem olhos para o mar!... Mas é mister anotar ilustrissimas excepções a esta perversão estetica ou a este descuramento das normas de vida sana, tais como a sr.ª condessa da Ponte, que quase diariamente assiste, como mãe estremosa e vigilante, ao banho de seus filhos.

Estas reflexões vão-me sendo sugeridas pela categoria das pessoas que observo na carruagem, emquanto a locomotiva nos vai arrastando pelo Aterro fóra, batendo a monotomia do zape-trape dos volantes.

De feito, o aglomerado de individualidades em volta de mim é quase tudo *vieille roche*, o que é de uso chamar-se o casco superior do nosso mundo social. Ha tamb m representação diplomatica, o sr. ministro de Italia em prudente palestra—a palestra de um diplomata é sempre prudente—com o secretario da Embaixada do Brasil e com o sr. Oliveira Soares; noutra bancada, o sr. ministro da Alemanha vai ditando algumas notas ao seu secretario, um verdadeiro perfil de Topsius alemão.

Deste falario meio pipilante, meio em sussurro, que se esgarça no ar como um charivari de preludios de filarmonica, não é facil extrair uma ideia sintetica, uma interjeição com significado, uma frase cabal com sujeito, verbo e complemento. O que ha é sons em falseta, vozeirões de contra-basso, roncantss de trombone, fifias de requinta, e a pancadaria do comboio, matracando a compasso as suas alavancas de ferro.

—No Internacional?... bastante animado.—...A comedia dos cincoenta...—Andam... devassas... prisões—... Dansou-se... muito tarde.—O nó gordio... da Alta Silesia...—Evidentemente... Araujo... Noronha—No Sporting... deveras interessante... a tombola da Fanny Perestrelo... a Galvêas—...O que admira... o Afonso...

Como vêem, não ha poder do mundo que consiga apreender uma frase de geito, colher um segredo de sensação, quatro palavras ligadas que ministrem ao leitor o *frisson* de uma novidade. Isto é sobremaneira arreliante. Já pensei arranjar uma corneta acustica e postar-me audazmente no meio da coxia, assestando-a a meu talante, ora a um, ora a outro, dos varios grupos palrisqueiros.

Na impossibilidade de o fazer, reviro a atenção para a paisagem. Uma delicia, esta alameda convizinha do Dafundo, com seus «chalets» e jardinetes, fazendo cercadura á estrada. Da banda do Tejo, que já começa a alargar os braços, não ha fartar-se a gente de rever em extasis o panorama, eternamente belo e novo, como uma obra de genio, uma estrofe de Camões, por exemplo!

Cruz Quebrada. Eis um nome que ficou a perpetuar talvez alguma selvajaria sacrilega, talvez o arremesso de um ebrio ao passar em zig-zagues no caminho da encosta. Lembra-me o sublime poemeto de Herculano, que começa:

> Amo-te, ó cruz,
> no vertice firmada
> de esplendidas igrejas.

E nesta hora de um poente sanguineo a morrer no longe das aguas, estendo os olhos ás sombras do vale fronteiro, e a impressão me domina de estar vendo, perto, distante, cruzes solitarias, humildes, cravadas na terra serena...

Fujo á merencorea sugestão, engolfando-me no bulicio da carruagem. Num grupo vizinho, acho que se discreteia sobre arte. Nada mais propicio a varrer-me do espirito ideias tristes, posto que seja coisa bem triste a contemporanea arte portuguesa.

—Mas que alfobre de peças nós vamos saborear no proximo inverno!... O aluvio de produção teatral é de tal ordem, que passo a desconfiar da fartura...

—Nada disso; metade da dramaturgia anunciada, ainda não foi escrita, nem o será... Tudo isso é ansia de publicidade. Das restantes, metade é rejeitada pelos empresarios, e a outra metade...

—E' rejeitada pelo publico, com musica de pés e muita batatada ..

Cascais. Safa! que estes traziam as sanfonas bem afinadas... para a má lingua. **A.**

A CIDADE

POLITICOS EM FÉRIAS

AFONSO COSTA NA INTIMIDADE

O "Senhor da Serra" ou a Serra da Estrela na algibeira do ex-chefe democratico

O "chalet" Alzira — Os cumprimentos politicos — O chocalho das refeições — O serviço dos correios O registo do ultimo neto — Domingos Pereira e a futura acção politica de Afonso Costa

O Senhor da Serra é o dr. Afonso Costa, natural ali de Ceia. E' o Senhor da Serra como foi senhor do país. O dr. Afonso Costa faz parte das curiosidades da Serra— como as *Lagôas* e os *Cantaros*.

O dr. Afonso Costa foi tuberculoso e pode dizer-se foi porque todas as aparencias indicam que ficou curado radicalmente com a marca *radical* de todos os seus actos. Era, ao tempo, advogado em Coimbra com o dr. Teixeira de Abreu e já dava brado na oposição. O terrivel bacilus invadiu-lhe os pulmões e o dr. Afonso Costa viu-se perdido. Foi para a Suiça. E com aquela resistencia fisica já consagrada pelos carros electricos, curou-se pelo metodo Brehmer numa epoca. Voltou para o pais e para a Republica. Pode mesmo afirmar-se que a Republica esteve tuberculosa, antes de nascer. Veja-se como de um bacilo podem depender os destinos de um país.

Curado, o sr. dr. Afonso Costa, que é um homem cauteloso como todos os doentes, comprou o *chalet* da Sérra da Estrela. E' aquele: o *chalet* Alzira, nome da esposa.

De vez em quando o estadista da Republica sobe a 1.500 metros. Vem tomar alturas... Ver as coisas de alto. Foi essa, talvez, a razão porque o aeroplano evolucionista nunca lhe meteu medo. Ele tambem se elevava, mas mais seguramente.

A casa do dr. Afonso Costa fica num sitio medonho, conhecido dos pastores pelo *Fragão do Coiro*. Bem entendido que este nome é antigo e não há nele nenhuma alusão ao seu morador. Pois é o *Fragão do Coiro*, um logar aspero que se abre subitamente num abismo, no fundo do qual, num covão, se vê a vila de Manteigas.

A vinda do Senhor da Serra é um facto

O sr. dr. Afonso Costa (×) passeando, com sua familia, na Serra da Estrela

anunciado com muita antecedencia e ruido. E quando ele chega a fisionomia tranquila da Serra, transfigura-se. Muda, tudo! A Serra até aí socegada enche-se de automoveis. São comissões politicas de todas as vilas proximas que vêm saudar s. ex.ª. Mas isto não é tudo. Ha mais. Os generos encarecem! O sr. dr. tem uma familia numerosa e paga bem aos fornecedores. De modo que, quando o Senhor da Serra chega, chega a carestia dos generos. O sr. dr. Afonso Costa é uma especie de *efeitos da guerra*.

Ainda um dia destes a Serra foi atroada pelos vivas de alguns correligionarios de Gouveia. Vinham em automoveis, subiram a estrada que serve a vila Alzira, foram cumprimentar o Senhor da Serra. E na volta encheram a estrada de notas alegres, que não eram *A Portuguesa*.

Os automoveis andam numa dobadoira pela estrada que serve *especialmente* o seu *chalet*. De vez em quando passam personalidades importantes. O sr. ministro das finanças já cá foi visto duas vezes. Certamente á procura dos 50 milhões.

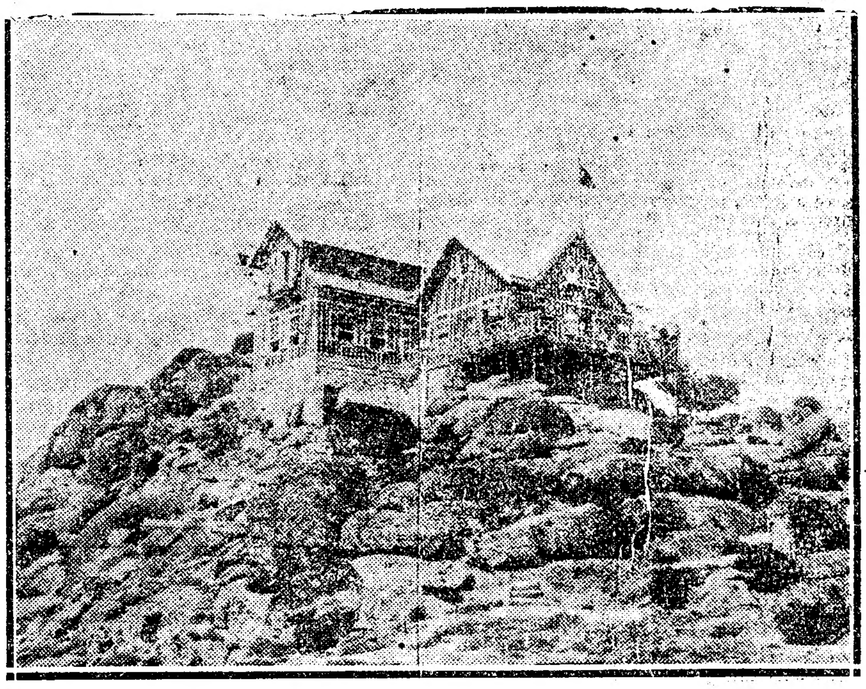
O Senhor da Serra é um homem de metodo e habitos higienicos. Ergue-se cedo. Calça as botas ferradas e dá os seus passeios, em geral com o sr. Artur Costa. Em casa, o mesmo metodo. A numerosissima familia—parece que perto de vinte e cinco pessoas—é chamada para as refeições por um chocalho. Ha 5 minutos de tolerancia— para desmentir a fama de intolerante do chefe radical. Quem não chega a horas paga uma multa, que reverte a favor dos pobres de Manteigas.

E' natural, como um chocalho, que a vida do sr. dr. ande a ser chocalhada pela Serra.

Além do chocalho, em casa do dr. Afonso Costa, ha o sr. Tudela. Não sabemos se Tudela é nome, ou se é alcunha, por o sr. Tudela fazer *tudo*.

Na verdade o sr. Tudela é quem vai ao *correio* buscar os massos de correspondencia. No dia do baptisado, perdão, do *registo* do ultimo neto do sr. Afonso Costa, o sr. Tudela serviu á mesa e abriu o Champagne.

Deve dizer-se que foi um dia celebre na Serra. A festa no *chalet* Alzira teve o ar mais mundano que se pode arranjar na Serra. Houve bonitas *toilettes,* mulheres elegantemente *maquillées* e o sr. dr. Afonso Costa exprimiu o desejo de que o novo rebento fôsse um dia um benemerito da



O «CHALET» ALZIRA

Propriedade do sr. dr. Afonso Costa em Seia

Patria. Como se vê, esta vida ainda chega a netos... O sr. dr. Afonso Costa é um excelente chefe de familia. E a familia sente-se tão bem e alarga tanto que o *doutor Afonso* vai mandar alargar a *vila,* que é já quase uma vila importante.

Mas a maior influencia do Senhor da Serra está nos correios. O serviço é pessimo. As cartas demoram três e quatro dias de uma povoação para outra. E quando a gente se queixava respondiam-nos:

—Deixe vir o Senhor da Serra.

Na verdade, dias depois do sr. Afonso Costa chegar, o serviço que só se fazia por Manteigas, passava a ser feito tambem por Gouveia. Ha duas tiragens por dia. O senhor Afonso Costa ainda marca.

E de politica? O dr. Afonso fala pouco de politica. No emtanto o seu interesse pelo sr. Domingos Pereira foi notado. Apesar de se ter arreliado com a dissidencia, o sr. dr. Afonso Costa almoçou em Ceia com aquele jovem ex-presidente do ministerio. Dias depois pagou-lhe o almoço, com outro, em sua casa. E na casa da *Propaganda da Serra* houve ha dias uma *reunião politica*, a que assistiu o dr. Afonso Costa e o dr. Domingos Pereira. O sr. dr. Afonso Costa conta muito com o sr. dr. Domingos Pereira para a sua acção futura na politica.

Mas ele volta á actividade? Volta, sim, senhor. Volta. Mas não volta para o Partido Democratico. E' certo. E' categorico.

Deve dizer-se que a historia dos 50 milhões veiu-o arreliar um pouco. Do *fragão do coiro* o ex-chefe democratico estava formando o salto para o Terreiro do Paço. Ele só espera que o venham buscar, fóra dos partidos, como salvador do país. Os 50 milhões vieram turbar-lhe a atmosfera.

E emquanto em Lisboa o discutem e atacam, com a familia toda, o sr. Tudela e alguns gericos, o Senhor da Serra partiu hoje em excursão para *Os Cantaros*, a 2.000 metros acima do Terreiro do Paço...

Serra da Estrela

A. de B.

EM CASCAIS

No Parque Palmela

Realiza-se uma festa de caridade

Um grupo de senhoras da nossa primeira sociedade, no intuito de auxiliar o hospital de crianças, ao Rego, os asilos-oficinas para rapazes pobres, Misericordia e pobres de Cascais, deliberou organizar no parque Palmela, daquela vila, um festival que, realizando-se depois de ámanhã, certamente revestirá o maior interesse e dará rendimento elevado, que habilite as promotoras á realização do seu altruistico objectivo.

As festas, que se prolongarão até domingo, consistirão numa feira, em que as barracas serão servidas por senhoras de «élite» actualmente veraneando em Cascais, num espectaculo, que se realizará na noite de sabado, e outras diversões de agrado certo.

O preço da entrada, no sabado, é de 5$00, e o do espectaculo, de 3$00; no domingo, a entrada custará apenas 1$00 para adultos e $50 para crianças.

UMA CARTA

A pintura portuguesa

Escreve-nos o sr. Almeida Moreira

Do sr. Almeida Moreira recebemos a seguinte carta:

Meu amigo:—A entrevista está muito bem, como aliás não podia deixar de ser.

Apenas no final há uma afirmação que não é rigorosamente exacta.

Os trechos arquitectonicos do «Pentecostes» de Viseu são tambem Renascença, como os do quadro de Coimbra (Santa Cruz).—No de Viseu, porém, Vasco Fernandes, certamente impressionado com a beleza e elegancia da abobada da Sé, que tinha acabado de ser construida (em 1513), e talvez por o quadro ser destinado á capela do Espirito Santo, da mesma catedral—aproveitou como elemento decorativo arquitetonico para a sua obra, os *nós* da abobada gotica da catedral de Viseu, que nitidamente se destacam nos ultimos planos do quadro. Isto é apenas um esclarecimento.

De v., etc., *F. de Almeida Moreira.*

PROVINCIAS

Em Torreira
A praia e o S. Paio

Torreira, 9

Torreira é uma pequena praia a dez quilometros de Estarreja, apertada entre o oceano e a ria de Aveiro, modesta, onde se anda descalço e não ha casinos, praia de banhos e de pesca de sardinha, bastante concorrida.

E' nesta praia que se realiza a romaria ao popular S. Paio, aquele

«S. Paio da Torreira»

que

«com uma grande bebedeira
foi tomar banhos á praia.»

e que

«Tal era a *catarreira*
que ao despir a farpela
das calças fez uma saia.»

Porque S. Paio, apesar de santo, era um refinado borrachão e tanto que, mesmo já santo e de pau, o mergulham em alguidares de vinho, que os romeiros em seguida bebem, no cumprimento de promessas feitas a tão milagroso santinho.

Este ano não houve a costumada festa; mas mesmo sem ela, não deixaram de se divertir os cinco romeiros que toda a noite e todo o dia folgaram, bailaram por essas areias além.

E tudo correria bem, indo os romeiros satisfeitos e cansados por dois dias de louco divertir, se um acontecimento doloroso não impressionasse o bastante para a alegria se transformar em lagrimas e em desolação.

Um desastre

A rampa de embarque, sob a jurisdição da capitania do porto de Aveiro, estava cheia de gente á espera de barco que os transportasse para a outra banda da ria. Num dos planos inclinados da rampa aglomeravam-se umas duzentas pessoas. Os suportes eram velhos. O peso bastante. A madeira range, estala, abre uma brecha, e aquelas 200 pessoas escoam-se, desaparecem na agua. Gritos, correrias, protestos, uma tristeza desordenada paira por todos os espiritos. Uma desolação imensa, corações opressos e uma lagrima deslisa dos olhos de um para os olhos de toda a gente.

Na lufa-lufa do salvamento ninguem se entende. Mas todo aquele molhe de naufragos se salvou, felizmente.

Uma nota caracteristica: Um rapaz despe o casaco, tira o chapeu e arremessa-se á agua. Vai arriscar a sua vida salvando a alheia. Cumprindo o seu dever, não deixa de praticar um acto de abnegação. Cumpre a tarefa, procura o seu casaco, mas já não o encontra. E lá se foi o seu casaco, a sua corrente de oiro, o seu relogio e os 78$00 da sua carteira...

A capitania tem muita responsabilidade neste desastre, pois cumpre-lhe reparar convenientemente os cais de embarque, de maneira a conservá-los com a segurança desejada.

Veraneantes e visitas

De visita ao sr. Almeida Costa estiveram aqui nos dias da festa os ilustres professores do liceu de Aveiro srs. drs. José Barata, Sampaio e Manuel das Neves.

Entre outras, encontram-se nesta praia as familias: dr. Amador Valente, professor Bernardo M. Silva, dr. Artur Valente, professor Cirne, Salgado, dr. Alberto Ruela, dr. João Ruela Ramos, Gonçalo M. Pereira, dr. Herculano Magalhães, dr. José Marques, dr. Manuel Marques, dr. Gonçalo Vieira, Soares, dr. Alberto de Oliveira, D. Julia Leite, D. Maria Amelia Rendeiro, etc.

Em Odemira
Grupo dramatico de Beja

Odemira, 13.

Chegou o grupo dramatico academico de Beja, que vem dar tres espectaculos no teatro da Sociedade Recreativa Odemirense, sendo o primeiro esta noite, com a peça «Triste Viuvinha», cuja recitas são abrilhantadas pelo grupo dramatico da habil regencia do amador José Fernandes de Azevedo.

A feira anual

Começa ámanhã a feira anual desta vila, notanse já grande numero de barracas.

A festa de S. Sebastião

No proximo dia 18 do corrente realiza-se na vizinha aldeia de S. Teotonio a festa de S. Sebastião.

DIA RELIGIOSO

ÁMANHÃ, 16.—Resa-se da trasladação de S. Vicente, martir. Duplex maior. Paramentos vermelhos. Missa propria e credo.

—Lausperene na igreja da Penha de França.

—Festividades:

Sé, ás 11 horas, côro; ás 12, missa e vesperas.

S. Roque, ás 8-30, missa.

Penha de França, ás 12, festa ao Senhor dos Passos, por musica; ás 18-30, terço de bemditos, por musica.

Boa Morte, ás 11-30, reposição do Sagrado Lausperene com missa solene, por musica.

—Exposição da imagem do Senhor Jesus dos Passos nas igrejas do costume.

COMPANHIA DE SEGUROS LUSO-BRASILEIRA
"SAGRES"
Autorizada por portaria n.º 892, do Governo Português
Capital emitido Esc. 2.000.000
Capital realizado Esc. 700.000
SEDE SOCIAL Rua Aurea, 191 LISBOA
Telef. Exped. C.2.961 Direcção C-2.657
Teleg. SEGURAGRES
Representantes no Brasil Soto Mayor & C.ª
Filial no Rio de Janeiro R. 1.º de Março, 61-1
Banqueiros: Pinto & Sotto Mayor
Seguros terrestres e maritimos, seguros de guerra, seguros agricolas, seguros postais
Delegado no Porto Pinto & Sotto Mayor
Agentes em todo o país
Agente Geral em Espanha CARLOS SANCHEZ CUTILLAS Alcalá, 4—MADRID

SOMBRINHAS DE FANTASIA LEQUES
76
BENGALAS DE MALAGA VENTOINHAS
RUA NOVA DO ALMADA

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no
ESCRIPTORIO FORENSE
R. do Carmo, 35, 2.º
N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

AVISO
União Electrica Portuguesa
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
Séde provisoria: PORTO (palacete Bijou, R. Duque de Loulé)
SÃO avisados os Senhores Accionistas da UNIÃO ELECTRICA PORTUGUESA de que está em pagamento a 4.ª prestação do capital, nos termos do § 1.º dos artigos 5.º e 6.º dos Estatutos e na importancia de 10 0|0 do valor nominal das acções subscritas.
O pagamento efectua-se na casa PINTO & SOTTO MAYOR, Lisboa, Porto e Chaves, todos os dias uteis desde 15 a 30 do corrente, contra apresentação da cautela representativa das acções.
Os Accionistas que não pagarem no praso marcado ficam sujeitos aos juros de móra de 6 0|0 ao ano, nos termos do artigo 6.º dos Estatutos.
Porto, 4 de Setembro de 1921.
Pela UNIÃO ELECTRICA PORTUGUESA
O Gerente
(a) *Eduardo Correia de Barros*

Exposição de artigos do oriente
59, Rua Nova do Almada, 1.º
Telef. C. 3190

SOCIEDADE "ESTORIL"
Arrendamento das lojas no
PARQUE DO ESTORIL
Tencionando abrir um dos seus hoteis no começo da proxima época, a Sociedade «Estoril» arrenda des de já, para estabelecimentos comerciais, as lojas-galerias á entrada do Parque do Estoril.
As condições do arrendamento acham-se patentes nos escritorios da Sociedade, no Cais do Sodré, n.º 52 — LISBOA.

Fonsecas, Santos & Vianna
BANQUEIROS
ESTABELECIDOS EM 1861
Rua do Comercio, 116 a 132
Telegramas: SANVISE-LISBOA

LUDOVICE, LIMITADA
Rua da Madalena 36, 2.º
TEL. C. 3379
Secção fiscal
Contribuições
Serviços fiscais
e Administrativos

N.º 10 **Folhetim do DIARIO DE LISBOA** **15-8-921**

INTIBAH
OU
As Aventuras D'Ali Bey
POR
KEMAL BEY

Buscava, com os seus olhares e com as suas maneiras, provocar uma resposta favoravel, conseguindo tirar Ali Bey do seu extase. As suas faces começaram, a pouco e pouco, a colorir-se e, comprimindo a sua emoção, disse com voz entristecida:

— «Não sei como lhe hei de agradecer... Terei a alta felicidade de lhe inspirar simpatia... Se isso fosse verdade!... Oh! como é boa!... Mesmo que se risse de mim, resignar-me-ia...»

Mehpeyker, que poderia dar lições aos melhores actores na arte de imitar os gestos que traduzem os nossos sentimentos, respondeu com um ligeiro sorriso, um tanto amargo, a fim de ocultar, sob uma alegria fingida, a inquietação da sua alma:

— «As mulheres reconhecem os seus senhores, mas não se atrevem a mofar dêles. O seu dever é ser-lhes agradaveis. O senhor tomou á letra aquilo que eu disse e classificou de ingenuidade o ter eu imaginado que seria capaz de se afeiçoar a mim, de apaixonar-se porventura! Sim, bem sei, os homens vêm aqui para se distrairem, divertindo-se á custa das mulheres que encontram. Porque me hei de formalizar? O senhor segue a regra — conforma-se com o uso antigo.

Ali Bey córou, confundiu-se, mas as suas agitações interiores restituiram á sua linguagem toda a sua volubilidade:

— «Que inclinação!... De que passatempo está falando?... Desde o dia em que me fez sinal não sei o que passa em mim. Ontem, desde manhã até á noite, andei por êstes lugares como um louco, passando até duas noite em claro... E ainda me acusa de estar zombando?... Amo-a como um cego de nascença que começa a ver aos vinte anos, contempla o mundo e os seus inumeros encantos e adora o sol, a luz e tudo o que o rodeia. Ah! perdão, continuou êle, depois de ter fixado Mehpeyker, cujo rosto persistia impassivel, perdão!... Irrito-a, porventura, ofendo a sua dignidade?... Deus bem sabe o que digo. Pouco experiente, não tenho uma linguagem conforme com os meus sentimentos. Porque franze o sobreôlho?... Empalidece... mas para que me disse palavras tão amargas? Ah!... As insonias, a emoção perturbam-me. Repare, porêm, que eu vim na esperança de ser consolado por uma breve prova da sua benevolencia e, em vez disso, censura-me por tê-la seguido e acusa-me injustamente de me ter rido de si!»

Mal acabou de falar, eis que doces lágrimas brilham como pérolas nos seus olhos e correm pelas suas palidas faces abaixo, semelhantes a uma estrela cadente surpreendida pelos carões da aurora.

Uma emoção violenta cede a outra que a iguale ou excede. Mehpeyker não o ignorava. Sabia igualmente que as alusões aumentam a fôrça das palavras inda as mais insignificantes. Consequentemente, vendo que o coração de Ali Bey, por efeito da confusão que o dominava, se achava reduzido ao estado de um metal em fusão, susceptivel de tomar a forma que lhe quizesse imprimir, tomou um ar melancolico e, abaixando os olhos como se o seu espirito fosse a presa do arrependimento em luta com o desejo, disse, com voz triste:

— «Sim, vim até aqui para me ver livre da perseguição que exercia sobre mim. Se eu não lhe quizesse falar, bastava-me fechar os «stores» do «coupé». Se pretendesse fugir de si, com certeza teria seguido para outro sitio. Não é isto verdade? Pois bem! Aproximei-me e o senhor permaneceu imovel e de bôca cerrada: tive de romper o silencio que me pesava. Parece, todavia, que êstes preambulos não eram do seu gôsto, porque queria ouvir-me dizer imediatamente que o amava com loucura. No seu entender, é ás mulheres que compete actualmente o papel de fazerem a côrte aos homens, limitando-se êles a alegar a sua timidez! Preferiria que lhe dissesse que o amava perdidamente e que ao senhor lhe era facil arrastar-me até aos seus pés?

(Continua

NO ESTRANGEIRO

DO PAÍS DOS BELGAS

O porto de Anvers

Durante o mês de agosto ultimo atracaram aos seus cais 612 navios com uma tonelagem de 1.095.091

Em oito meses de 1921: 5.350 navios — Em oito meses de 1920: 5.241 navios

BRUXELLAS, 15.

Durante o mez de Agosto de 1921 entraram no porto de Anvers 612 navios com uma tonelagem de 1.095.091, dos quais 582 eram vapores e 29 navios de vela.

No mez correspondente de 1920, entraram no dito porto 612 vapores e 36 navios de vela, ou sejam 648 navios com uma tonelagem de 933.469. Houve portanto um aumento notavel durante o mez de Agosto, aumento que ascende a 109 navios com 1.459.269 toneladas a mais nos oito primeiros meses. Efectivamente, em 1921, durante os oito primeiros meses, o numero de navios foi de 5.350 com 8.530.922 toneladas e 212 barcos de vela com 38.455 toneladas, ao passo que em 1920 as entradas elevaram-se a um total de 5.241 navios representando 7.061.663 toneladas, dos quais 4.631 vapores com 6.835.575 toneladas e 610 navios de vela com 226.088.—(R.).

NOTICIAS DE LONDRES

Lloyd George vai estudar a questão dos desempregados

As negociações dos dirigentes trabalhistas

LONDRES, 15.

O sr. Lloyd George terá uma conferencia em Inverness com os representantes do governo e as corporações locais, para estudar a questão dos desempregados. Os dirigentes trabalhistas de Londres dirigem-se a Inverness para uma conferencia com Lloyd George sobre o mesmo assunto. —(R.).

A discussão da questão dos armamentos

O sr. Hughes, secretario de Estado da America do Norte, declarou que a questão dos armamentos será discutida na proxima conferencia de Washington unicamente entre os delegados dos Estados Unidos, Grã Bretanha, França, Italia e Japão. Os delegados da Belgica, Holanda e China entrarão nas discussões sobre o problema do Extremo Oriente.—(R.).

A administração das colonias

O «Times» declara que o ministerio das Colonias está elaborando sob a direcção do sr. Churchill, um notavel plano de reorganisação e administração das Colonias e Protectorados da Coroa. Pretende-se conceder-lhes grandes poderes autonomos, agrupando-os sobre o governo de altos comissarios.—(R.).

O tunel de Simplon

Depois dum trabalho de dez anos, concluiu-se ontem a construção do segundo corredor do tunel de Simplon, num comprimento de vinte e uma mil e quinhentas jardas.—(R.).

A fome na India

Lord Reading, vice-rei da India, declara que continua a agravar-se a crise da fome na India. A absoluta falta de chuvas está causando serias preocupações.—(R.).

O PAGAMENTO DAS REPARAÇÕES

O receio da falencia alemã dificulta o acordo entre franceses e ingleses

A distribuição do primeiro bilião de marcos

O "Matin" responde ao "Temps" — O acordo de 13 de agosto — O que o "Times" diz a proposito das minas do Sarre

A hipotese da falencia alemã, que primeiro era aventurada vaga e raramente, começa a inspirar cuidados aos aliados como em caso de realização possivel e quasi impossivel de evitar.

Keynes tem falado por varias vezes nessa possibilidade; a imprensa francesa mal lhe tem tocado. O primeiro jornal que atacou francamente o assunto foi o «Temps», fazendo notar que era preciso não tomar em conta as suspeitas e desconfianças das opiniões das varias nações, e encará-lo tal como é, para se lhe procurar o remedio possivel. A's palavras do «Temps», responde no dia seguinte o «Matin» com um artigo de fundo em que ataca a formula «Alemães ricos numa Alemanha pobre» e diz que a falencia não dispensará a Alemanha de pagar. E aceita a falencia não só como possivel, mas até como inevitavel, transcrevendo a afirmação feita no «Jornal das oito horas da noite», por Urbig, director dum dos maiores bancos alemães, o Disconto Gesellschaft, de que a Alemanha não poderá cumprir o «ultimatum» que a obriga a entregar anualmente 70 biliões de marcos-papel.

Diante de tais previsões é natural que os aliados encontrem maiores dificuldades em se concertarem para a distribuição do bilião ouro que a Alemanha já entregou. Não é apenas o direito de prioridade que se discute; é o receio de que uma vez feita a divisão desta quantia, cada qual fique apenas com o que lhe houver cabido.

O acôrdo financeiro realizado entre os ministros francês e inglês para a distribuição do primeiro bilião não foi ratificado pelo governo francês.

Foi pois necessario que os ministros tornassem a reunir-se para chegarem a um novo acôrdo que satisfaça igualmente os governos dos dois paises. No entanto, parece dificil chegar a uma conclusão muito diferente da antiga, pois o governo inglês já incluiu os 450 milhões de marcos ouro, que lhe cabiam, no orçamento de 1921-1922. E' claro que a opinião francesa, reclamando unanimemente contra o acôrdo de 13 agosto, é um factor que tem de ser tomado em conta; mas «sir» Robert Home fez notar, delicadamente, que tambem em Inglaterra há uma opinião publica.

Sir Robert Hoone e Dornner trocam apenas impressões com o fim de verem se chegam a um acordo; nenhuma deliberação tem sido tomada, e é conveniente fazer notar que entre eles tem reinado a maior harmonia e *amisade* como o ministro inglês fez escrever especialmente no texto do comunicado.

A França retira grandes vantagens do acordo de 13 de agosto; as suas objecções residem no facto de não receber as indemnisações em moeda. Nela se estabeleceu que a França recebesse o carvão alemão, não ao preço de exportação mas ao preço interior da Alemanha, o que lhe dá uma vantagem avaliada pelos ingleses em sete milhões de libras esterlinas, suficiente para cobrir as despesas de ocupação anteriores ao primeiro de Maio. São-lhes atribuidas além disso as minas de Sarre.

O *Times* escreve a esse respeito:

«Os franceses opuseram-se, por rasões tecnicas, a que o custo do seu exercito de ocupação fosse deduzido do valor das minas de Sarre, e pediram uma parte de dinheiro liquido representado pelo pagamento do primeiro bilião. Insistiram na hipotese de que a Alemanha falirá, e de que, enquanto ela poder pagar alguma coisa, todos os aliados devem receber uma parte dos seus pagamentos.»

Analisando as impressões trocadas entre a opinião francêsa e inglêsa, reconhece-se que a dificuldade pratica para a realisação dum acordo está em ambas elas encararem o problema sob o mesmo ponto de vista. Os ingleses encaram-no através do tratado da paz; ao passo que os franceses baseiam-se no estado dos pagamentos efectuados segundo o acordo de Londres de 5 de maio.

E se tomarmos em conta a hipotese de que a falencia alemã é um receio que existe entre os aliados veremos que estas palavras se podem ainda interpretar:

Os ingleses desejam guiar-se pelo tratado de paz, porque assim obtêm um pagamento imediato maior; é o mesmo motivo que leva os franceses a não ratificarem o acordo de 13 de agosto.

SOCIEDADE DAS NAÇÕES

Um delegado inglês presta homenagem a Dante

PARIS, 15.

Ao encerrar a sessão da Conferencia da Sociedade das Nações, um delegado da Grã Bretanha prestou homenagem ao grande poeta Dante, cujo sexto centenario a Italia celebrava ontem, porque foi ele um dos primeiros homens a anunciar o cosmopolitismo e a sustentar a solidariedade do genero humano. O sr. Motta e o sr. Hannotaux, representantes, respectivamente, da Suiça e da França, celebraram igualmente o incomparavel percursor dos tempos modernos. O sr. Scialoja, representante da Italia, agradeceu em nome do seu paiz as homenagens prestadas ao grande genio italiano. O sr. Zarhebeck, presidente da Assembleia, fez-se interprete do sentimento unanime de todos os membros ali reunidos, na homenagem prestada a este heroi da humanidade. — (R.).

AS CONQUISTAS FEMININAS

Madame Heserlgren foi eleita membro do "Riksdag" sueco

LONDRES, 15.

Noticias de Guttemburgo informam que madame Kerstin Heserlgren foi eleita pelo circulo desta ultima cidade, membro do «Riksdag» sueco. E' a primeira mulher que desempenha esta função na Suecia. —(R.).

EM FRANÇA

Os conflitos operarios

PAPRIS, 15.

Os delegados dos operarios grevistas do norte da França aceitaram o convite do ministro do Trabalho para uma conferencia com os delegados patronais, cuja resposta é aguardada.

Em Roubaix e Tourcoing os padeiros retomaram o trabalho. — (R.).

PARIS, 15.

A greve geral vai ganhando fôrça no norte da França. — (R.).

AS EMISSÕES PRIVADAS

A industria alemã

Os novos capitais pedidos para o seu desenvolvimento elevam-se em 8 meses a 14.332 milhões de marcos

Nos oito primeiros meses do ano crearam-se 434 novas sociedades por acções

BERLIM, 15.

Durante os oito primeiros meses do corrente ano, criaram-se na Alemanha 434 novas sociedades por acções, com um capital global de 2.432 milhões de marcos, e 971 sociedades já constituidas pediram aumento ao capital, por um total de 8.357.000.000, emquanto que 120 sociedades emitiram obrigações que prefazem 3.543.000.000 de marcos. Os novos capitais pedidos pela industria alemã nos oito primeiros meses de 1921, elevam-se portanto a um total de 14.332 milhões de marcos.—(R.).

AS OPERAÇÕES EM MARROCOS

Os mouros rebeldes tentam descer a vertente do Gurugu

Ataques aos comboios de abastecimentos

MELILLA, 15.

Há a maior tranquilidade nas imediações do Zoco-Arban, não tendo as Kabilas de Guelaya hostilizado as tropas de ocupação das posições tomadas. Na linha exterior, porém, os inimigos têm atacado os comboios de abastecimento, nomeadamente nos «blockaus» do sector de Ismoa.

Um grupo de mouro tentou descer a vertente do Gurugu, mas foi dispersado pelo canhoneio certeiro das baterias, causando-lhes numerosas baixas. Tambem os aeroplanos, arrojando bombas e produzindo consideravel damno nos territorios inimigos, espalharam o panico entre os rebeldes.

Em Ceuta e Larache não houve novidade.

Anuncia-se que prosseguirão imediatamente as operações de avanço.—(R.).

Os europeus maltratam os mouros

O comandante geral, general Cavalcanti, publicou um manifesto em que exprime o seu pesar por saber que alguns mouros são agredidos na praça pelos europeus. Declara que castigará severamente os autores destas violencias, indignas de homens civilisados.—(U. P.).

Evacuação da posição de Casabona

A posição de Casabona foi evacuada, porque o alto comando considea inutil agora essa defeza. As tropas que guarneciam foram trasladadas para a nova posição de Corona.—(U. P.).

Vapor "Alicante"

CARTAGENA, 15.

Entrou neste porto o vapor «Alicante», trazendo a bordo oitenta e dois enfermos e cento e quarenta e quatro feridos, procedentes de Marrocos.—(U. P.).

A TARDE PARLAMENTAR

O SR. DR. AFONSO COSTA VIRÁ AO PARLAMENTO EXPLICAR O CASO DOS 50 MILHÕES DE "DOLLARS"?

O QUE SE PASSOU HOJE NA CAMARA DOS DEPUTADOS

O SR. CUNHA LEAL ESTÁ CONVENCIDO DA MÁ FÉ DO CONTRACTO

(*Continuação da 4.ª página*)

sr. D. Manuel de Noronha havia certas duvidas quanto á sua capacidade contractual.

Nesta altura, o sr. Antonio Maria da Silva pede a palavra para explicações. Prosegue o sr. Cunha Leal, fazendo referencias a um consorcio bancario, referencias que o jornalista não consegue perceber claramente aqui da tribuna, e tem esta frase:

—Retiraram-se do *Credit*, porque está queimado, mas ficaram no consorcio bancario, porque está de pé. Qual foi a tática do sr. dr. Afonso Costa? Ele proprio o declara nesta entrevista.

O orador lê uma passagem da entrevista, em que se diz que o negocio era bom para Portugal—podia até ser bom de mais. E continuou assim:

—Ao contracto que o sr. dr. Afonso Costa assinou falta a assinatura da unica pessoa que o podia assinar: o representante da *War Finance Corporation*. O ilustre homem de Estado assinou o contracto com o *Credit*. Eu afirmo: o contracto que o sr. dr. Afonso Costa assinou é absolutamente incompleto. Da mesma forma, posso eu negociar com o Papa...

"Nunca se preguntou a Jefferson se tinha qualquer procupação?"

O sr. Cunha Leal aprecia em seguida o contracto á face da sciencia financeira e afirma:

—No contracto faltava a certeza dada de que o ouro para compra de mercadorias não sairia do nosso paiz. Como negociou o sr. dr. Afonso Costa o contracto? Se lá estivesse a assinatura da *War Finance Corporation* ou do seu representante, desapareciam todas as duvidas.

E logo a seguir:

—Porque lá fóra as entidades bancarias não vão estabelecer sucursais na Cochinchina para abrir creditos ao seu paiz. Então nunca se preguntou a William Jefferson se ele tinha qualquer procuração? Faço esta pregunta porque tenho a certeza de que os homens do *Credit* saem amanhã intactos e ainda por cima hão-de atirar ao Parlamento ondas de lama. Pois há ainda nesta terra quem tenha duvidas sobre a criminalidade dos negociadores do *Credit*? Há quem duvide de que existe o artigo 276.º do Codigo Penal? E ainda o sr. dr. Afonso Costa vem pôr duvidas sobre a criminalidade desses homens!... Imaginemos que William Jefferson não foi um cavalheiro ensaiado pelo *Credit* para representar o seu papel. Mas depois das informações que vieram de Washington, não pode haver duvidas sobre o papel de William Jefferson. Quando se chegou á assinatura do contracto, a má fé era evidente.

A Camara continua a guardar silencio. Ouvem-se alguns apoiados. O sr. Cunha Leal prossegue:

—O sr. dr. Afonso Costa não compreende que só a justiça implacável pode salvar o regime; que quando houvesse criminalidade provada, seria preciso saltar por cima da lei para condenar os criminosos. E' preciso que ele nos diga se perfilha as afirmações que vêm nesta entrevista; é preciso que ele venha aqui salvar o seu prestigio, que é tambem o prestigio da Republica! Há-de vir, porque nós queremos que venha; porque não há nenhum poder que esteja acima de nós! Há-de vir, porque daqui o intimamos a que venha!

De todos os lados da Camara, vêm deputados cumprimentar o sr. Cunha Leal. O discurso que ahi fica—reconstituido o mais fielmente possivel pelas notas do nosso redactor—causou sensação na Camara.

UMA MOÇÃO DO DEPUTADO CARVALHO DA SILVA NÃO É ADMITIDA

Se não falharem os melhores calculos, será hoje votada a proposta de adiamento dos trabalhos parlamentares, devendo seguir imediatamente para o Senado o oficio solicitando a reunião do Congresso destinada a fixar o periodo do interregno legislativo.

Um dos assuntos marcados para hoje é o aumento da pensão á viuva do falecido estadista sr. Hintze Ribeiro para 3.600$ por ano.

Ontem, ao iniciarem-se os trabalhos e depois, até certa altura da sessão, a minoria monarquica empregou todos os esforços para provocar falta de numero, a fim de que os coeficientes não fossem votados. Isto, com o puritano argumento de que a Camara não devia funcionar sem «quorum». Pois, mais tarde, já de noite, ajudou a fazer votações com uma reduzissima assistencia...

Desabafo de um deputado independente, quando ontem, quasi ás apalpadelas, sahia de S. Bento:

—O que vale é que isto está para fechar, senão, havia de levantar os mais energicos protestos... Iria mesmo até onde fosse preciso para se acabar com este escandalo de estar a legislar-se ás escuras, sem que os jornalistas e os taquigrafos possam tirar as suas notas...

Delegados do professorado oficial de Lisboa, que ainda este mês não recebeu os seus vencimentos, têm, nos ultimos dias, gasto horas indefinidas nos corredores do Parlamento a mendigar os ordenados que o Estado ainda não lhes pagou.

Na proposta que a Camara ontem votou, melhorando a situação dos funcionarios judiciais, foi incluido um aditamento do sr. Agatão Lança aumentando em 50 por cento os vencimentos dos notarios das provincias.

Figuram na ordem do dia de hoje, além de outros, os seguintes assuntos: emprestimo para o porto de Lisboa, sociedades anonimas e por quotas, crédito para indemnizações por prejuizos com o movimento monarquico de 1919 e aumento dos emolumentos administrativos.

Tambem está marcada para hoje a discussão das bases do novo contracto com a Companhia das Aguas.

A's 11 horas e meia já se encontrava na Camara o deputado sr. Paulo Menano, a fazer a ultima redacção da proposta relativa aos funcionarios judiciais, a fim desse diploma transitar para o Senado.

A's 13 e 35 fazem-se as leituras preliminares, sob a presidencia do sr. Silvestre Falcão. Estão presentes 36 deputados.

* * *

O discurso do sr. Cunha Leal exaltou de forma sensivel o «leader» democratico, sr. Antonio Maria da Silva, que, depois de implicar com o sr. presidente, a proposito de uma qualquer minudencia do regimento, afirmou de forma energica que não pretende sacudir a agua do capote do seu partido. Considera o crédito dos 50 milhões um *conto do vigario*, achando natural que se procure descobrir os *vigaristas*. Repele a insinuação, algures formulada, de que homens do governo colaboraram com os intrujões do *Crédit*, havendo, para isso, transferido as negociações para Paris, quando elas se poderiam realizar em Lisboa.

* * *

O *leader* democratico continua a discursar. Aremessa, aos punhados, referencias á imprensa, de envolta com elogios ao sr. dr. Afonso Costa. Reclama o castigo severo dos autores do *conto dos 50 milhões* e lamenta a ausencia no Parlamento do seu antigo chefe politico. Ele, porêm, não fugirá a responsabilidades, dizendo de sua justiça no momento que considerar mais oportuno.

* * *

Agora, o sr. Antonio Maria da Silva lamenta a falta de serenidade da imprensa que — diz — produziu um desgraçado efeito no espirito simplista do povo, ácerca da intervenção do sr. dr. Afonso Costa na caso em debate. No paiz abusa-se muito da campanha, o que considera um mau processo, uma arma de dois gumes.

* * *

O orador historia, mais uma vez, a vida complicada e efemera do *conto dos 50 milhões*. Repete detalhes já conhecidos e formula comentarios que tambem não são inéditos. Pôz tambem novamente em destaque a lisura do procedimento do sr. dr. Afonso Costa.

* * *

Devido a uma afirmação do sr. Antonio Maria da Silva, o sr. Cunha Leal, em áparte, diz não ser influenciado por campanhas de jornais, agindo com consciencia absoluta dos seus actos. Corroborando as suas palavras, lembra que acusou alguem de ter propiciado na imprensa especulações cambiais que se fizeram em tôrno do contracto.

* * *

O sr. Antonio Maria da Silva encerrou o seu discurso com uma derradeira referencia ás campanhas da imprensa. Seria bem conveniente que s. ex.ª especificasse e distinguisse, abandonando o processo, não menos condenavel que o das campanhas, da acusação em globo a entidades que lhe não podem dar réplica imediata.

* * *

A sessão de hoje deve ser preenchida apenas com a apreciação dos 50 milhões. O sr. Vasco Borges, o terceiro orador que fala sobre o assunto, revestiu o seu discurso com uma defesa, *á outrance*, do procedimento do sr. dr. Afonso Costa e com a descrição de uma conversa que com ele sustentou recentemente, quando em visita á Serra da Estrela.

* * *

O processo da conversa em familia vai rasgando caminho neste Parlamento. Hoje sucedeu isso. A certa altura, o sr. Cunha Leal, que ouvia atentamente o sr. Vasco Borges, indisposto com os grupinhos de conversa em que a Camara se dividira, exclama:

—Peço a atenção dos senhores deputados, de contrário isto transforma-se num cavaco de café...

* * *

O sr. Carvalho da Silva aprecia tambem os 50 milhões, formulando considerações em volta do sensacional caso. A' hora a que fechamos estas notas, somos informados de que aquele deputado monarquico vai apresentar uma moção convidando o sr. dr. Afonso Costa a vir perante o Parlamento expôr a sua intervenção. Tudo indica que será aprovada por grande maioria.

* * *

A proposta do sr. Carvalho da Silva não pode ser admitida á discussão. O deputado monarquico transforma a sua proposta num requerimento, que não é admitido. O sr. Cunha Leal volta a falar, declarando que votaria o requerimento do sr. Carvalho da Silva, mas que aguarda da mesa as necessarias diligencias para que o sr. dr. Afonso Costa seja convidado a vir ao Parlamento. E terminou assim, na sessão de hoje, o caso dos 50 milhões.

* * *

O sr. Vasco Bôrges propoz que a Camara saudasse o grande poeta Guerra Junqueiro, congratulando-se pelas suas melhoras. A proposta foi aprovada por unanimidade.

NO SENADO

Ainda a questão cerealifera — O sr. Herculano Galhardo justifica os seus protestos

A mesa é constituida pelos srs. Augusto Barreto, Mendes dos Reis e Pessanha das Neves, respectivamente, presidente e secretarios. O sr. Herculano Galhardo péde a palavra para invocar a Constituição e o regimento do Senado, lavrando o seu mais veemente protesto contra o facto de o projecto sobre o regimen cerealifero ter sido apresentado, discutido e aprovado, sem o tempo estabelecido para os legisladores o estudarem. Foi com magua que ele, orador, se viu forçado a abandonar a sala, pois preferiu assim proceder a ter de cooperar na votação duma lei cujo texto desconhece oficialmente, mas que sabe ser da mais alta importancia, visto tratar-se dos interesses da moagem, da lavoura, das padarias, do consumidor, etc.

O sr. presidente dá explicações declarando que s. ex.ª tem razão nos seus protestos, mas a aludida lei—diz—foi votada porque a Camara, que é soberana nas suas deliberações, aprovou a urgencia e dispensa do regimento.

O sr. Afonso de Lemos tambem dá explicações e termina afirmando que apenas cumprirá com a deliberação do Senado.

O sr. Celestino de Almeida diz que se requereu a dispensa das praxes regimentais para a apreciação da aludida lei foi porque teve a convicção de que tal diploma teria sido já ponderado pelos seus colegas desta Camara.

O sr. Herculano Galhardo não se dá por satisfeito com a doutrina apresentada pelos oradores que lhe deram explicações e, indignadamente, lembra á camara que ela desrespeitou o artigo 13.º da Constituição.

Entre este senador e os srs. Afonso de Lemos, José Maria Pereira, Oliveira Santos e o presidente trocam-se ainda mais explicações sobre o assunto.

O sr. Oliveira Santos requere urgencia e dispensa do regimento para o projecto de lei elevando a central o liceu de Setubal.

Tudo aprovado.

Seguidamente é proclamado solenemente o senador sr. Carlos de Melo Leitão.

O pessoal da Carris

Na proxima quinta feira o pessoal da Carris de Ferro volta a avistar-se com o presidente do ministerio e coronel sr. Freiria, membro da comissão nomeada pelo governo para dar seu parecer sobre o aumento de tarifas, a fim de saber o resultado das suas reclamações ha muito formuladas.

Os 50 milhões

O sr. Pedro de Araujo é ouvido pelo director da policia de investigação

A' hora de fecharmos o nosso jornal está sendo ouvido pelo director da policia de investigação criminal, sr. dr. Reis Junior, o banqueiro portuense sr. Pedro de Araujo, que ontem veiu do Porto acompanhado dum policia da investigação, como implicado no caso dos 50 milhões de «dollars». Nos corredores do governo civil encontram-se alguns fotografos dos jornais, esperando a saida do sr. Pedro de Araujo.

A QUESTÃO DO PÃO

Uma comissão das juntas de freguezia procurou hoje o sr. ministro da agricultura

Uma comissão delegada das juntas de freguezia de Lisboa foi hoje solicitar do sr. ministro da agricultura que se estabeleça para Lisboa e Porto um unico tipo de pão. Parece que o sr. Aboim Inglez demonstrou que os tres tipos agora criados não prejudicam o consumidor, disposto, como está, a fazer cumprir a nova lei.

Cumprimentos ao governo

A direcção da Associação Comercial de Lisboa cumprimentou hoje o sr. ministro da agricultura.

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	51$00	54$00
s/Londres cheque	5 3/4	5 5/8
» 90 d. v.	5 7/8	—
Rio s/Londres	8 1/8	—
s/ Paris	797	855
s/ Italia	478	489
s/ Belgica	781	800
s/ Suissa	1936	1979
s/ Espanha	1451	1484
s/ Berlim	105	109
s/ Holanda	3534	3612
s/ Nova York	11242	11492
Rio Brasil		
T. Desc. Banco de Inglaterra	5 1/2 0/0	—
» » » Portugal	7 1/2 0/0	—
Agio do ouro	900 0/0	1000 0/0